

INTERVALO ANALITICO



COMO SE FORMA UM ANALISTA?

Jozias Benedicto. *Através do espelho* (2022).

PALAVRAS DA PRESIDENTE

Psicanálise Por Vir

"Psicanálise e política não são antagonicas e se refletem na compreensão clínica."

Por **Lúcia Palazzo**
página 3

MATÉRIA DA CAPA

Tornar-se Psicanalista

"O ofício de analista é, ao mesmo tempo, arte e conhecimento, sobretudo conhecimento de si." (Claudia Bernardes)

O que é a formação analítica?

"...penso que um analista se forma no processo de sua análise pessoal com as vivências clínicas, teóricas e emocionais experimentadas na instituição." (Wilson Amendoeira)

Por **Claudia Bernardes e Wilson Amendoeira**
páginas 4 e 5

FAZENDO PARTE DA PSICANÁLISE

Dora Tognolli

"Dom? Talento? Esforço? O que torna alguém um analista?"
"Para ser breve e trazer o essencial, diria que é nossa crença no inconsciente, nas pulsões, o irredutível em nós, nossa matéria constitutiva, que nos surpreende, assombra, inquieta."

Por **Ruth Naidin**
páginas 10 e 11

EU NÃO TERIA ME TORNADO QUEM SOU SE...

Aos que me trouxeram até aqui

"Como é sabido, a socialização masculina é complexa e marcada pela violência. Na favela, não é diferente."

Por **Jailson de Souza e Silva**
página 13

AS FORMAÇÕES



Desde a descoberta do inconsciente por Freud até que a formação psicanalítica moderna fosse instituída (análise pessoal, seminários clínicos e teóricos, supervisão e engajamento institucional dos candidatos, também conhecido como quarto eixo), o trabalho para se tornar analista tem algo mítico, digno da jornada do herói, como estabelecido pelo escritor norte-americano Joseph Campbell, onde aquele parte em uma aventura, é bem-sucedido numa crise decisiva e retorna à casa transformado. Caberiam aqui duas perguntas: de onde partimos? E quem somos quando afinal retornamos?

Todavia, a questão que nos colocamos neste novo número não é como “tornar-se” analista, mas, antes, como “se forma” um analista? Como deve ser a formação de um analista engajado não somente com as questões clínicas, mas também com as questões socioeconômicas, históricas e políticas do seu tempo? O que se quer de um analista em formação de um país do Terceiro Mundo, ainda tão desigual, excludente, feminicida, homofóbico e racista como o nosso? Qual o papel das Sociedades de Psicanálise, dos Institutos de Formação, comprometidos com os valores éticos, humanistas e democráticos, na formação de um analista sensível a essas questões? Como oferecer uma formação que contemple os diversos autores e escolas desde Freud, mas, ao mesmo tempo, abrindo espaço ao novo? Para problematizar a questão “como se forma um analista?”, convidamos alguns autores para pensarem sobre esse tema.

Para ilustrar a capa, o escritor e artista visual Jozias Benedicto, que vive e trabalha entre Rio de Janeiro e Lisboa, elaborou a obra “Através do espelho” especialmente para esta edição.

A Presidente atual da SBPRJ Lúcia Palazzo faz uma breve análise de sua gestão e presta homenagem à equipe de colaboradores dedicados, corajosos

e comprometidos com a ética da Psicanálise. Comenta os desafios de promover mudanças no seio da Sociedade, como a inclusão de bolsas raciais e sociais, a admissão de não-médicos e não-psicólogos, tornando a formação mais acessível e inclusiva, apesar das resistências inevitáveis. Isso tudo no auge da pandemia, num país dilacerado por questões econômicas e sanitárias jamais vistas. Enfim, uma Sociedade que necessitou se reinventar para oferecer uma formação mais de acordo com o espírito do tempo.

Assinando uma das matérias da capa, Cláudia Bernardes, membro associado, nos fala da importância da análise pessoal na formação do futuro analista, o que possibilitaria “o encontro com os aspectos mais sensíveis de sua história”, lugar onde o candidato tem a oportunidade de deparar com “o desamparo essencial que funda a mente humana”. Na outra matéria de capa, Wilson Amendoeira, membro efetivo, fala em seu nome e no de outros colegas (Aloysio d’Abreu, Luiz Gallego, Altamirando Andrade e Bernard Miodownik), para destacar a primazia da análise pessoal – na qual a partir de um deslizamento do próprio sintoma, pode advir o desejo de analisar os outros –, que entende ser prévia ao ingresso nos seminários teóricos.

Em Fazendo Parte da Psicanálise, Ruth Naidin, membro efetivo com funções específicas, entrevista Dora Tognoli, diretora do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), que compreende a formação analítica no sentido de uma *Bildung*, algo semelhante aos romances de formação (*Bildungsroman*), na qual acompanhamos o desenvolvimento moral, psicológico e estético do personagem, desde os primórdios até aos avatares da vida adulta que, ao contrário dos romances, nunca termina.

Na Coluna do Instituto, a partir do debate sobre o infantil, Teresa Rocha, membro efetivo com fun-

ções específicas, examina, com muita sensibilidade, a importância de seguir os rastros das histórias pessoais, institucionais e do campo psicanalítico, e de lutarmos por uma formação que possa atender às demandas atuais, respeitando a diversidade. No Espaço dos Membros Provisórios e Alunos em Formação, Paula Maio comenta sobre as vicissitudes da formação, ressaltando como a potência da práxis psicanalítica pode ser pervertida por uma política autoritária.

Em Psicanálise e Cia, nossa colunista honorária Marina Tavares entrevista a tradutora e doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, Lourdes Sette, que discute o caráter inclusivo da tradução nos indivíduos, na cultura e nos campos do saber. Na coluna Psicanálise & Cinema, nosso dublê de psicanalista e crítico cinematográfico Luiz Fernando Gallego, no centenário de nascimento de Pasolini, nos oferece uma resenha na qual o cineasta faz uma releitura de sua história pessoal a partir da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, transformando o decifrador de enigmas num sujeito que não deseja nada saber de si, ainda assim atravessado pelas questões do desejo, incesto, interdição e parricídio. Na coluna Eu não teria me tornado quem sou se..., o fundador do Observatório de Favelas Jailson de Souza e Silva compartilha conosco um vigoroso testemunho pessoal, no qual pôde ressignificar sua raiva por meio da palavra, transformando-a em amorosidade.

Por último, a editora Sandra Gonzaga e este signatário agradecem imensamente o trabalho e a dedicação da presidente *sortante* Lúcia Palazzo e de seus colaboradores, e desejamos as boas-vindas à futura presidente da SBPRJ Ruth Naidin e ao novo Conselho Diretor 2023-2024!

Boa leitura!

// Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com



Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

sbprj.org.br

Siga-nos:

facebook.com/SBPRJ/

instagram.com/sbprjoficial/

Inscreva-se em nosso canal:

youtube.com/c/CanaldeVideosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Eloá Bittencourt, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Paula Maio, Ruth Naidin e Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva

As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2021-2022

Presidente: Lúcia Maria de Almeida Palazzo; **Vice-Presidente:** Miguel Sayad; **1ª Secretária:** Gisela Gorrese; **2ª Secretária:** Priscilla Capua Maia; **1ª Tesoureira:** Sônia Izecksohn; **2ª Tesoureira:** Eunice Raposo de Mello / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ney Marinho (Diretor), Anna-Maria Bittencourt (Vice-Diretora), Maria Noel Brena Sertã (Secretária) / **Conselho Científico:** Maria Elisa Alvarenga (Diretora), Mariana Neustein (Secretária) / **Conselho Profissional:** Claudio Frankenthal (Diretor), Áurea Lowenkron (Secretária) / **Clínica Social:** Cláudia Bernardes (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Eloá Bittencourt Nóbrega (Diretora), Maria Teresa Silva Lopes (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Viviane Frankenthal (Diretora), Ruth Naidin (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Carlos Pires Leal (Diretor), Flávia Costa Strauch (Secretária) / **Site:** Roberto Franco



Psicanálise Por Vir

Inicialmente, gostaria de recordar os temas da plataforma de gestão do Conselho Diretor da SBPRJ, 2021/22, *Psicanálise Por Vir. Inclusão/Diversidade/Expansão/Invenção*, as propostas que nortearam o trabalho de uma equipe dedicada, corajosa e comprometida com a ética psicanalítica. Sem dúvida, uma diretoria possuída pelo desejo de transformação e de reinvenção, por isso autodenominada, de forma carinhosa, Conselho dos Possuídos, que aceitou o desafio de enfrentar o auge de uma pandemia do coronavírus, ainda sem vacinas disponíveis e com um futuro incerto. Desafios também na esfera sociopolítica e econômica que elevaram a crise sanitária a patamares alarmantes com mais de 700 mil mortes no Brasil e com milhões de famílias desamparadas, crise que escancarou a desigualdade social e econômica, humilhou e deixou à própria sorte milhões de brasileiros lançados ao mapa da fome. Esse cenário de tristeza, angústia e de incertezas nos acompanhou como pano de fundo sinalizador de nossas ações, que sabíamos urgentes no campo psicanalítico e que não poderiam ser postergadas, como ato analítico instituinte que só se sustenta pela sua articulação com a verdade. Conscientes dos limites circunscritos pela realidade externa, pelas bordas da realidade psíquica e pela transitoriedade da vida, tão linda como evanescente, assumimos os desafios. Após dois anos, o percurso iniciado com tantas indagações e inquietações se materializou como um caminhar de aprendizado e de crescimento, tanto pessoal como institucional, com o testemunho de analistas que se comprometeram e avançaram nas pautas relacionadas aos Direitos Humanos, em defesa do Estado de Direito e a favor da Democracia. Convocados pelas urgências do nosso tempo, levamos adiante projetos que foram gestados pelo Conselho Diretor, como, por exemplo: o *Fórum Permanente Violência e Cultura*; a campanha *Democracia e Psicanálise em Pauta*, ambos relacionados às graves crises humanitárias e políticas em que estávamos mergulhados, com consequências nefastas para o viver em comuni-

"A Psicanálise Por Vir seguirá nessa direção em que todas as pessoas têm direito à análise, têm direito à vida digna, têm direito ao amor, têm direito à sua subjetividade respeitada."

dade, como também à sustentabilidade da práxis psicanalítica, que não pode se desenvolver alienada dos fenômenos sociais e culturais, imersa que está nos acontecimentos históricos. Psicanálise e política não são antagônicas e se refletem na compreensão clínica, na escuta das repetições que emergem do discurso do analisando, escuta que dá consistência ao mundo que ele traz à análise, desde a sua história pessoal, de suas fantasias inconscientes e do ambiente que o cerca. O insulamento da Psicanálise, durante anos, com o silêncio estabelecido sobre questões relacionadas ao racismo institucional, ao antisemitismo e à violência de governos autoritários e ditatoriais, provocou alienação e apagamento de parte do movimento psicanalítico, após a Primeira Guerra Mundial. A última eleição presidencial não deixou dúvidas sobre a catástrofe social e econômica que teremos que enfrentar, principalmente quando boa parte da sociedade brasileira apoiou um candidato da extrema direita, que tragicamente avança no mundo. O confronto entre civilização e barbárie sempre assombrou a humanidade e temos a tarefa urgente de refletir sobre a nossa implicação nesses processos de violência e destrutividade.

Outro projeto relevante ligado à Clínica Social, *Estamos Ouvindo*, com atendimentos pontuais, foi iniciado em 2020 a partir de um ponto de emergência e se desdobrou em um dispositivo clínico da maior importância e de alcance inédito. A escuta clínica pontual sedimentou um espaço de interlocução que pode promover mudanças.

O *Projeto de Acesso Ampliado à Formação Psicanalítica*, com bolsas para as populações negras, indígenas e migrantes, representou uma mudança institucional profunda e definitiva. A transmissão da Psicanálise se ampliou e se enriqueceu com o conhecimento de outros saberes ligados à diáspora negra, construído no combate à violência e ao sofrimento impostos aos corpos negros. A Comissão de Relações Raciais e de Descolonização do Pensamento promoveu debates fundamentais para o letramento dos analistas distantes dessa realidade do racismo e da necropolítica de Estado, assim como o Conselho Científico deu ênfase à clínica psicanalítica. Contamos ainda com as atividades do recém-criado Departamento de Comunidade e Cultura, em consonância com as práticas há muito tempo enraizadas na IPA, na FEBRASI e na FEPAL.

A Psicanálise Por Vir seguirá nessa direção, em que todas as pessoas têm direito à análise, têm direito à vida digna, têm direito ao amor, têm direito à sua subjetividade respeitada. Essa é a política da Psicanálise. Utopias são necessárias para fazermos frente a um mundo muitas vezes distópico e ameaçador. Como a Democracia, a Psicanálise é um território livre e não há limite de expansão das subjetividades e dos laços sociais.

Parabéns aos Possuídos, parabéns à querida equipe do Intervalo Analítico, ao Departamento de Publicações e Divulgação e ao Departamento de Difusão da Psicanálise, que lançaram ao mundo o nosso trabalho, enlaçando transferencialmente novos partícipes nessa jornada.

Sucesso ao próximo Conselho Diretor!

Feliz 2023!

// **Lúcia Palazzo**

luciampalazzo@gmail.com

Tornar-se Psicanalista



É desafiador explorar a ideia de como se forma um psicanalista sem de imediato lembrar das lições de Freud em seu artigo "A análise terminável e interminável". Freud afirma: "é quase como se o analisar fosse aquela terceira das profissões 'impossíveis', em que se tem certeza de antemão do resultado insuficiente". O ingresso no ofício deveria ser acompanhado da frase de Dante, na Divina Comédia: "Ó, vós que entraís, abandonai toda a esperança..." e Freud, como indiscutível leitor dos clássicos, levanta advertência análoga a todos que se lançam no caminho do tornar-se psicanalista. Mas Dante e Freud, ambos, no fundo, homens de fé e esperança, chegam a bom termo. Dante chega ao paraíso ao final do livro e Freud nos legou um conhecimento que resultou no alívio do sofrimento e avanços civilizatórios.

Como manter acesa a chama do desejo em tornar-se psicanalista diante de uma jornada incerta de resultado, de sucesso financeiro e de uma permanente dedicação frente às

"O ingresso no ofício deveria ser acompanhado da frase de Dante, na Divina Comédia: 'Ó, vós que entraís, abandonai toda a esperança...'"

inquietações geradas pela clínica e a percepção de nossa insuficiência posta pelas exigências constantes de aprofundamento teórico. E sobretudo a turbulência e o investimento que envolve os anos necessários e indispensáveis de análise pessoal para estar nesse lugar de analista. O desafio cujo resultado pode ser incerto, mas certamente não é impossível.

O tripé da formação universalmente adotado é composto pela análise pessoal, supervisão e estudo teórico. Contudo, a meu juízo, a análise pessoal deve ser o pilar central para a formação de um psicanalista, pois de que adianta excelente letramento psicanalítico sem que o analista se conheça. Acredito que é na análise que o candidato tenha a oportunidade de examinar o desamparo essencial que funda a mente humana com a qual somos confrontados ao longo do nosso processo pessoal – condição de possibilidade do estabelecimento da empatia que se constitui na premissa básica do lugar de analista e, tal como Ferenczi afirmou, "o melhor analista é um paciente curado".

Ao olhar para a história do movimento Psicanalítico nos idos de 1907, observamos o gesto essencial na construção do pilar do que viria a ser a formação analítica, pois apesar da efervescência de ideias, os conflitos decorrentes de aspectos psicológicos

mal resolvidos entre os discípulos de Freud resultaram na observação de Ferenczi de que talvez estivesse faltando o processo analítico dos membros que compunham o comitê secreto. Ele propõe, então, que todos fizessem análise de forma a experimentar os mecanismos psíquicos postulados pela nova disciplina. E foi a partir daquele momento que se reconheceu que a mente do psicanalista é o principal instrumento para operar o novo método. Assim sendo, instituiu-se a relevância da análise pessoal. Desta forma, entendemos que a análise do candidato não é uma obrigação formal, não pode ser protocolar, mas sim entendida como experiência fundamental, possibilitando o encontro com os aspectos mais sensíveis da sua história.

Dito isso, é preciso sublinhar que a transmissão dos conteúdos teóricos, o debate clínico e todo o conjunto de atividades curriculares ganham um sentido único e pessoal por meio do processo de análise do candidato, pois do contrário, tudo mais resultará em uma compreensão meramente intelectual. Ser analista não é uma operação puramente cognitiva. O ofício de analista é, ao mesmo tempo, arte e conhecimento, sobretudo conhecimento de si, pois cada encontro é único e aquele encontro sempre mobiliza aspectos da personalidade do analista nas suas diferentes dimensões. Não se trata, para usarmos uma imagem matemática, de estarmos diante da geometria euclidiana plana. A mente se assemelha mais à geometria hiperbólica, aquela que inspirou a obra de Escher, os labirintos da mente do analista no encontro/desencontro com a mente do seu analisando se perdem e se encontram nos labirintos impossíveis de Escher. E, para isso, é indispensável que o candidato tenha empreendido sua própria jornada por esses labirintos.

// **Claudia Bernardes**

claudia.fbernardes@gmail.com



Os Gêmeos. Cerradura Corazón.



O que é a formação analítica?

A questão interessa e tem atualidade, mas tem antecedentes num longínquo 1985, quando em tema livre para o X Congresso Brasileiro de Psicanálise teci, em colaboração com Luiz Gallego, um pequeno texto sobre o tema “Formação: forma ou f(ô)rma”. Em poucas palavras, tratamos das potencialidades que poderiam considerar o formar como uma aspiração à padronização, ou seja, a formação se abstém de dar oportunidade ao candidato a analista de crescer, se desenvolver, preocupando-se em dar uma f(ô)rma dentro da qual ele deverá se moldar. Não visaria libertar o psicanalista que existe dentro desse ser humano.

Balint, em 1953, fez uma análise histórica da formação dos analistas desde os primórdios da Psicanálise. Ele realça que, ao redor de 1910, Ferenczi defendeu a ideia de que o analista deveria ser analisado e propunha que fossem analisados até o extremo no qual um processo analítico poderia ser desenvolvido, alcançando a dimensão pré-edípica.

Os padrões estabelecidos definem o processo de formação de um psicanalista como sendo composto por sua análise pessoal, feita com um analista qualificado, seus estudos teóricos, que podem e devem abarcar várias escolas, e a supervisão do seu trabalho clínico inicial. Em texto anterior, expus que essa tríade configura a formação como um ofício, e o psicanalista aprende e ganha qualificação em oficinas – os Institutos – onde, artesanalmente, desenvolve sua formação.

Como vemos essas questões na atualidade, quando a formação que oferecemos passa por mudanças importantes, que compreendemos como evoluções em busca de caminhos para atingir sua realização e todo o seu potencial? Pedi a colaboração de alguns colegas experientes, escolhidos por facilidade de acesso, e recebi contribuições que quero, de forma bastante reduzida pela limitação de espaço, expor.

Aloysio d’Abreu ressalta, no tripé, a importância da análise pessoal como base de sustentação e, nela, a dimensão que vai além de uma

forma intelectual ou racional, colocando os sentimentos como o que vai ser tratado, pois será o que permite entender os sentimentos e os conflitos do outro. Considera difícil uma formação analítica iniciar-se antes de um período de análise pessoal com alguma extensão. Luiz Gallego retoma questões que já estavam presentes em 1985 e as amplia, abrindo com a renúncia, por parte dos institutos, de que se pode “formar” um psicanalista. Ressalta todo um processo de enriquecimento que pode ser oferecido nos cursos teóricos e nas atividades clínicas e supervisões, com um aponter constante para a ética psicanalítica. Como qualidade do postulante, estabelece a inclinação prévia para o cuidar de si e dos outros, o que já se manifesta na escolha de graduações em profissões associadas a esta inclinação.

Altamirando Andrade explicita a importância da análise pessoal para todo o processo de formação, pois este seria consequência da identificação do paciente com a função analítica, permitindo um deslizar progressivo da própria análise, para lidar com um sintoma seu, para um desejo de analisar os outros, o que fundamenta a importância de análise prévia ao início da formação teórica. Como

os colegas citados, penso que um analista se forma no processo de sua análise pessoal com as vivências clínicas, teóricas e emocionais experimentadas na instituição. O processo seria basicamente emocional e as vivências intelectuais se dariam no bojo da vivência emocional. Bernard Miodownik também coloca a análise pessoal como fator prioritário e primeiro da formação do analista. Não considera o desejo de ser analista como algo “puro”, pois o vê como “atravessado” pela estrutura institucional, pelo desejo da instituição, que poderia alienar a subjetividade do candidato e inibir a criatividade. Considera que análise é fundamental para evitar essa distorção, embora possa contribuir para ela. Sugere uma avaliação contínua dos métodos de avaliação dos candidatos.

Creio que temos subsídios para iniciar uma conversa profícua, realçando a importância da análise pessoal, seu relevo ao pesquisar o desejo de querer analisar pacientes e considerando-a como devendo iniciar-se antes do ingresso nos seminários teóricos.

// **Wilson Amendoeira**

wilson.amendoeira@gmail.com



Iberê Camargo. *Auto-Retrato* (1983).



Entrevista com Dora Tognolli

Pianista concertista, mãe de três filhos e avó de uma neta que mora em Brasília, Dora Tognolli dirige pelo 3º ano consecutivo o Instituto Durval Marcondes, da SBPSP, o maior do Brasil e da América Latina, com mais de 350 alunos!

A Sociedade de São Paulo é desde sempre, há setenta anos, uma sociedade leiga, pois foi fundada por Virgínia Bicudo e Adelaide Koch, ambas analistas não-psis. Para Dora, de todas, a maior realização da Sociedade de São Paulo, Sociedade tradicionalista, conservadora e até aristocrática, foi a introdução do Projeto Virgínia Bicudo que, como o nosso Projeto Social Racial, visa à inclusão racial, isto é, admitir na formação pessoas negras, até aqui excluídas. Embora ela reconheça que haja um longo caminho pela frente, a SBPSP se tornou, assim, mais forte, mais pujante e mais justa. A interlocução com ela e o Instituto Durval Marcondes é imprescindível! Ouçamos Dora sobre como se forma um analista.

Dom? Talento? Esforço? O que torna alguém um analista?

Dom, talento, esforço, estudo, boas teorias, ética... e tantos mais predicados que imagináramos para diversas profissões, também associamos a um analista. Mas há algo de singular, que decorre dos fundamentos que sustentam a metapsicologia, e aqui poderíamos nos estender muito: para ser breve e trazer o mais essencial, a meu ver, diria que é nossa crença no inconsciente, nas pulsões, o irredutível em nós, nossa matéria constitutiva, que nos surpreende, assombra, inquieta. Nesse sentido, a experiência da análise pessoal entra aqui como o portal para reconhecermos, em nós, que há algo sempre à

espreita, sob um fundo de incerteza que pode desembocar em descobertas que não cessam. A curiosidade diante do humano e a disponibilidade para a escuta do sofrimento e do assombro que ele provoca em nós é um ponto de partida. Observando cada trajetória, de cada analista, há algo de singular: somos forjados por uma história de vida, por um lugar no mundo, que dá um tom singular à nossa *práxis*, que opera numa báscula com as teorias e afinidades que vamos descobrindo nos autores e nos diversos analistas que nos acompanham. A originalidade de cada analista é algo a se preservar; algo que não procede de nenhum outro, que foi também apreendido em seu trajeto analítico, no qual a análise pessoal ocupa um lugar precioso.

O que não pode faltar na formação de um analista?

Além da seriedade, da ética, do percurso da formação ancorado no modelo do tripé, tão bem conhecido por nós e que se tornou um modo de operar comum a todas as instituições psicanalíticas, com algumas variações, cabe pensarmos a formação no sentido da *Bildung* – um movimento em direção a uma forma própria que não se conclui, sempre a se reinventar e estranhar o que chega. Essa formulação carrega um sentido ético, convocado a cada situação nova que se apresenta na clínica, na vida, nas instituições. Não podem faltar boas companhias, afinidades, laços afetivos, leituras, interesse por outras áreas do conhecimento e diversão, para que não confundamos a Psicanálise com a vida.

Formação se pode fazer sozinho? Qual

a importância do convívio institucional?

Quanto à instituição, considero de fundamental importância o aspecto da transmissão, do convívio, da fratria, do espaço ético, da discussão da clínica e das leituras reflexivas e críticas dos autores, começando por Freud, sempre ele. A instituição nos coloca no grupo dos humanos semelhantes, companheiros de jornada, onde vamos expor nossas ideias, debater criticamente a clínica, nos desacomodar e aprender a conviver com as alteridades e as experiências diversas que atravessam cada um de nós. Vale frisar que a experiência da formação pode reativar excessos adormecidos, ideais de formação de massas, calcados em identificações alienantes, que dificultam o trabalho da palavra, do método de livre associação, da circulação de ideias. Freud nos alerta, em cartas e textos (*Análise Leiga*), que as instituições psicanalíticas não se destinam a formar nem padres nem médicos, o que nos afastaria de dogmas rígidos ou do saber científico convencional. Diante desse alerta, é importante a problematização do paradoxo da regulamentação da formação e do cuidado constante em avaliarmos o instituído e suas conexões com os tempos atuais. E mais: como as realidades locais de cada *terroir* podem fazer parte da transmissão, menos submetida a imperativos categóricos e inquestionáveis. E é somente num grupo de trabalho, que mantém o pensamento operante, que essas questões podem ser veiculadas. Também, é nesse espaço coletivo que pode acontecer o encontro potente entre gerações, que se influenciam, repensam e movimentam a vida. E fica a pergunta: até que ponto a instituição estimula criatividade, liberda-

de, autonomia, exercício crítico do pensar ou os abafa e censura?

Analistas praticamente só têm se manifestado a respeito de questões sociais. O que houve? A pólis invadiu os institutos?

Há pouco tempo, tomamos contato com o trabalho de Elizabeth Ann Danto (*As clínicas públicas de Freud*), que discorre sobre a prática psicanalítica pós-Primeira Guerra, e com o discurso de Freud no Congresso de Budapeste (1919), que esboça um projeto de Psicanálise a todos os cidadãos, ricos ou pobres. Um projeto de direito à Psicanálise para todos, sustentado pelo Estado. Muitos de nós desconhecíamos essa proposta, silenciada após o desmantelamento da Psicanálise e o deslocamento dos analistas por questões políticas graves, que atingiram Freud e todos os analistas da Europa. A pólis estava lá: não é novidade, mas parece ter sido exilada e silenciada durante a segunda metade do século XX. Os tempos atuais, sombrios e difíceis, que apontam para a violência

do projeto neoliberal, que tem castigado grande parte das populações, nos provocam a rever nossa história e os pactos de privilégios; e mais, no caso do Brasil, a desigualdade atroz que assola grande parte dos brasileiros, acrescido do silenciamento dos povos ancestrais e escravizados, em nome de um mito de democracia racial que não mais se sustenta. Parece que cabe aqui o que Freud tão bem chamava de *Kulturarbeit*, só que coletivo, que envolve a todos. Cabe a cada instituição se indagar se está disposta a rever seus pactos narcísicos, se abrir, ter em seus quadros um retrato mais próximo do IGBGE e não apenas das elites econômicas. Há um ano, a SBPSP constituiu a Comissão Virgínia Bicudo, com a proposta de refletir e propor ações afirmativas, nos desafiando a rever nosso modo de funcionamento, que espelha e reproduz o país injusto e desigual do qual fazemos parte. Somos colonizados, desde dentro, o que fica claro no texto de Freud de 1923, *O Eu e o Id*. Aprendemos a identificar, a duras penas, que o Eu não é Sr. em sua própria casa, submetido

a uma tripla servidão. Mas esse mundo interno é forjado na e da cultura, e esse deslocamento para o social não deixa de ser, também, uma mirada para a colonização que enrijece e impede a escuta de sofrimentos outros, que hoje deixam recados claros e pedem passagem. E concluo com uma pergunta: estamos preparados para escutar questões como gênero, racismo, desigualdade, violência, injustiça? Como os analistas podem ouvir essas novas vozes, forjadas em sofrimento, desamparo, exclusão, e que falam, também, de nós, de nossos grupos humanos, demasiado humanos?

// Ruth Naidin

ruthnaidin@gmail.com



NOTAS DO CONSELHO DIRETOR

Assembleia Geral Ordinária – 12/12/2022

Homologações: - Qualificação como membro efetivo com funções específicas do Instituto: Admar Horn e Frida Atié; - Pedido de desligamento do membro associado: Maria Eleonora Barbosa Mello.

Assembleia Geral Extraordinária – 15/12/2022

Eleição e posse do Conselho Diretor da SBPRJ para o biênio 2023-2024, com a seguinte composição:
 Presidente: Ruth Naidin; Vice-presidente: Miguel Calmon du Pin e Almeida; 1ª Secretária: Adriana Guimarães Lasalvia; 2ª Secretária: Magda Rodrigues Costa; 1ª Tesoureira: Gabriela Pszczol Krebs; 2ª Tesoureira: Clara Sauberman; Diretora do Instituto de Formação Psicanalítica: Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira; Vice-diretor do Instituto de Formação Psicanalítica: Bernard Miodownik; Secretária do Instituto de Formação Psicanalítica: Nazli Faraj Sasson; Diretora do Conselho Profissional: Margaret Waddington Binder; Secretária do Conselho Profissional: Wania Peçanha de Oliveira; Diretora do Conselho Científico: Letícia Tavares Neves; Secretária do Conselho Científico: Maria Noel Brena Sertã; Diretora do Departamento de Publicações e Divulgação: Maria Fernanda Borges Rossi; Secretária do Departamento de Publicações e Divulgação: Indira Stevanato; Diretora do Departamento de Difusão da Psicanálise: Michelle Gorin Zaidhaft; Secretária do Departamento de Difusão da Psicanálise: Lucia Moret; Diretora da Clínica Social: Mônica Taunay; Secretária da Clínica Social: Renata Martinelli; Diretora do Centro de Estudos Psicanalíticos: Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues; Secretária do Centro de Estudos Psicanalíticos: Rebecca Nonato Machado; Diretora do Departamento de Comunidade e Cultura (DCC): Sonia Verjovsky; Secretária do Departamento de Comunidade e Cultura (DCC): Maria Teresa Naylor Rocha; Projeto *Estamos Ouvindo*: Cristiane Blaha; Projeto SBPRJ-CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa): Miguel Sayad; Projeto *Perguntar & Pensar*: Gabriela Pszczol Krebs, Simone Wenkert Rothstein, Magda Rodrigues Costa, Samantha Nigri; Revista TRIEB - Editoras: Maria Elisa Alvarenga, Magda Rodrigues Costa, Maria Noel Brena Sertã; Setor de Biblioteca e Arquivo: Cristiane Blaha (coordenadora); Setor de Informática: Roberto Luis Franco (coordenador); Comissão de Estudos Críticos sobre Descolonização e Pensamento Afrodiaspórico: Wania Maria Coelho Ferreira Cidade (coordenadora).

Parabéns ao novo Conselho Diretor e colaboradores!

Sobre o infantil na formação psicanalítica



O debate sobre o infantil na formação psicanalítica proposto pelo Simpósio do Instituto/2022 realça a importância de seguirmos os rastros das histórias pessoais, das histórias institucionais e do campo psicanalítico. Nas diversas trajetórias, encontraremos as dores e as forças que nos constituem na singularidade individual e na singularidade coletiva.

Temos, assim, uma oportunidade de pensar as forças de Eros nos movimentos com Tãtatos e de nos fazer manter a capacidade de sonhar com transformações pessoais e institucionais mais equânimes.

Garantir padrões mínimos de vida como condição para uma sociedade mais justa tornou-se imperativo de responsabilidade dos Estados, dos governos e das instituições. As recentes ações afirmativas implementadas na

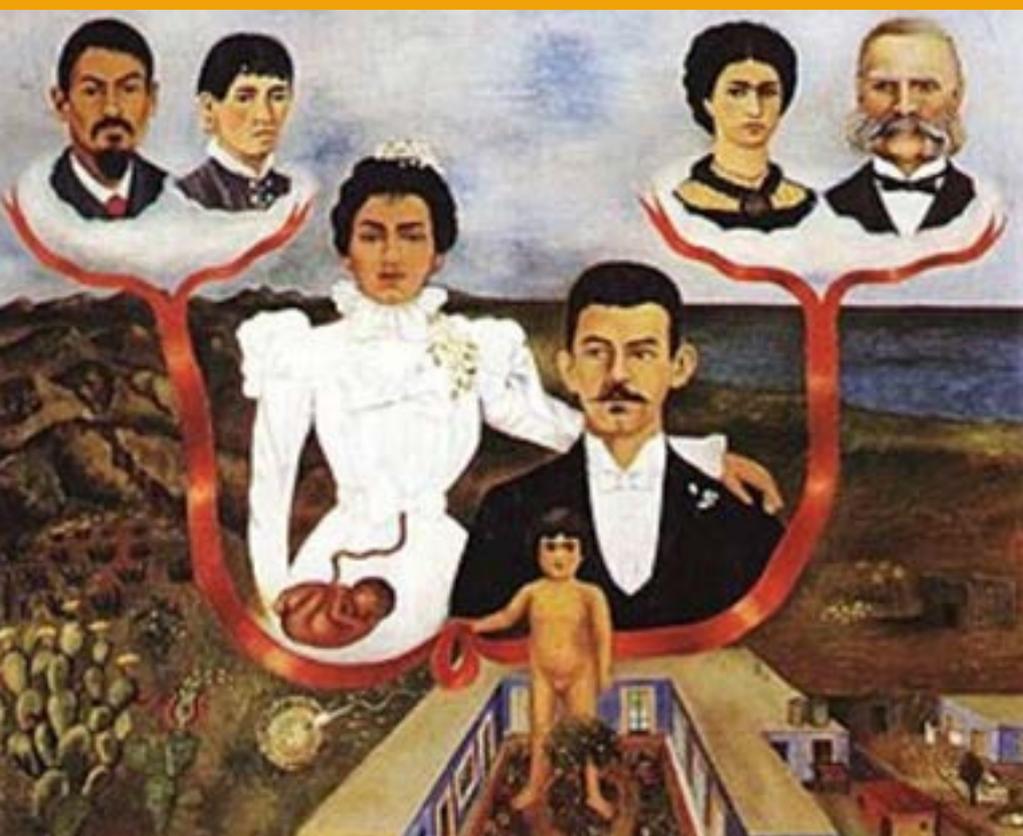
SBPRJ que alteraram o acesso à formação psicanalítica refletem esse princípio que nos traz orgulho, mas, também, chama nossa atenção diante do tamanho do desafio.

Esse olhar especial às desigualdades estruturais em nosso país coloca em evidência as desvantagens educacionais quando questões raciais são associadas à renda. Nossas instituições são formadas esmagadoramente por privilegiados e por brancos - somos um país com 56% da população autodeclarada como pretos e pardos (IBGE/2022), mas 82,7% de alunos brancos de pós-graduação (Plataforma Lattes/CNPq-2020).

Por décadas, vivemos a ilusão de que o isolamento à diversidade não nos traria grande empobrecimento como psicanalistas e para a própria Psicanálise. Resistimos pensar nosso

ofício levando em consideração as necessidades culturais e sociais de país latino-americano; pensar a constituição psíquica articulada inescapavelmente pelo individual e o social; pensar em práticas psicanalíticas em enquadres variados e fora do modelo padrão. Organizamos nossas instituições psicanalíticas excluindo negros, indígenas e pessoas de baixa renda. Não privilegiamos seguir em nosso campo as ressonâncias do infantil, noção que se manteve restrita aos analistas de crianças. Contemporaneamente, este transatlântico conservador quase imobilizado se moveu, possibilitando o acesso às subjetividades formadas no impacto de experiências traumáticas individuais e sociais, favorecendo práticas ditas sociais no bojo do organograma das instituições psicanalíticas e desenvolvendo políticas inclusivas na formação.

Esses avanços nos animam a pensar a integração da formação psicanalítica de crianças e de adultos, reforçando a importância da escuta dos rastros do infantil nos processos psicanalíticos de todas as idades; pensar que a indagação sobre o arcaico que interpreta o mundo poderá nos levar a aprender com os erros, valorizar os acertos e nos manter vigilantes no questionamento sobre qual legado queremos transmitir como instituição e para nossas práticas clínicas. No debate do Simpósio, esse realce trazido por Daniel Senos se somou ao relato trazido por Cidiane Vaz de experiências familiares entrelaçadas em vários tempos, em que o infantil ancestral se presentifica no território novo da formação. Por tudo isso, podemos não só querer sobreviver e lutar para que o rico legado freudiano possa se expandir e colaborar para buscar um mundo com mais justiça, mas também continuar lutando para uma formação de psicanalistas que possam responder às demandas e respeitar a diversidade cultural e social.



Frida Kahlo. *Meus avós, meus pais e eu* (1936).

// M. Teresa Naylor Rocha

mteresanaylorrocha@gmail.com



Como se forma um analista?

Quando evoco a palavra "forma", imediatamente recorro ao mito de Procusto, da mitologia Grega. Procusto oferecia hospedagem aos viajantes que ali chegavam. Contudo, a aparente generosidade escondia uma ação perversa. Quando do sono dos hóspedes, o tal homem deliberadamente os colocava em sua cama e, se não coubessem, os alongava quebrando-lhes os ossos e, caso fossem maiores, cortava-lhes partes dos membros.

Quando soube da Psicanálise na graduação em Psicologia, vivenciei um encanto pela potência de sua práxis. Contudo, um desencanto ao saber de analistas que se alinharam ou se omitiram à tortura da Ditadura Militar no Brasil. É historicamente conhecido que a potência pode ser perversamente sequestrada por uma política autoritária, como no referido mito. E essa analogia cabe a um indivíduo que se forma a partir de um modelo pré-fabricado, o que não encaixaria no que compreende o

tornar-se analista.

Com tal tensionamento em vista, iniciei dizendo o que suponho que não deveria ser o formar. Já o que acredito fomentar *potência* ao espaço do se tornar analista é uma formação que resiste àquela de-formação, conferindo lugar a uma análise em que se aprende por dentro do vivido, como no trabalho de descolonizar o *inconsciente colonial-capitalístico* sugerido pela psicanalista Suely Rolnik. Ilustro esse aprendizado com duas metáforas à Psicanálise: as áreas da dança e da engenharia de *software*.

Na primeira, a análise que dança flui por entre conteúdos desafiadores, aprendendo da teoria o que permitiu a ela se mover entre desequilíbrios e reequilíbrios. Serve-se da Psicanálise para deslocar os significados pré-fabricados de teorias que pretenderam enformar o vivido no molde de instituídos universalizantes. Essa análise, então, transborda ao encontrar espaço dentro da pista-de-dança-*setting* para a escuta do outro

como sujeito. Propõe-se a dançar num mover livre de binariedade, contornando singularmente o espelho auto-refletido que ameaçaria aprisionar o outro a si mesmo às custas daquela de-formação.

E, com a segunda, tornar-se analista com um saber da engenharia de *software* incluiria a desfragmentação da formação tal qual se realiza em um disco colonizado por informações obsoletas. Tal ação favorece espaço à assimilação da experiência emergente. Essa metáfora é como uma ação afirmativa, salvando-se o que abre caminho ao fluxo de Eros, mesmo dentro do mal-estar que tal provoca.

Em consequência, ambas não formam, mas fazem florescer um analista ao se permitirem afetar pelo campo plural da experiência, oportunas ao momento ético, político e social em que vivemos no Brasil, no qual discursos autoritários somam cada vez mais força. Analisar dentro dessas sabedorias encanta o vivido, pois transforma e pode convidar a algo novo, implicado geopoliticamente, já que favorece o campo da Psicanálise se tornar uma ecologia *dos saberes*, como expresso pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos. Então, percebo-me inscrevendo nesses encantos depois de desencantos, contornando a fôrma ao me direcionar aos saberes. Assim também vejo a práxis na instituição Psicanálise quando resiste ao que asfixia o vivo da experiência coletiva, afirmando existências e saberes historicamente marginalizados, tais como das pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+; e das não-psicólogas, não-médicas e outras tantas, que são a maioria no país.

Cabe agora alterar a questão inicial coletivamente: *como faremos florescer um analista?*

// Paula Maio de Siqueira

paula.maio.siqueira@gmail.com



Gustave Doré. *Inferno, Canto XXX.*



Encontros entre Tradução e Psicanálise

Lourdes Sette é mestre e doutora em Estudos da Linguagem, pela PUC-Rio. Tem graduação em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula. Ministra Tradução, em nível de graduação e pós-graduação lato sensu, inglês, português e redação acadêmica na PUC-Rio desde 2000. É também tradutora autônoma desde 1983 para editoras e pessoas físicas e jurídicas.

Em que ponto você está?

Posso dizer que estou onde sempre procurei estar, fazendo o que gosto, ou seja, traduzindo e ganhando a vida com prazer. A tradução atravessou a minha vida e me conquistou para a vida. Eu me formei em Psicologia, tive consultório por alguns anos, mas por questões pessoais, precisei procurar outra forma de trabalho. Comecei a traduzir como autônoma. Logo no início dessa nova fase, tomei conhecimento do curso de Tradução na PUC-Rio, onde acabei fazendo o curso de Formação, o de Especialização em Tradução, mestrado e doutorado. Nesse percurso acadêmico, além de aprender técnicas e estratégias de tradução de forma mais sistemática, entrei em contato com a história e as teorias de Tradução. E foi quando reencontrei minha antiga paixão, a Psicanálise, e aprendi sobre sua relação intrínseca com os Estudos da Tradução. Minha dissertação de mestrado em Tradução e Psicanálise inaugurou a linha de pesquisa “Linguagem, Sentido e Tradução” do Departamento de Letras da PUC-Rio. Desde 2000, ensino Tradução para a graduação e sou também professora e coordenadora do curso de Especialização em Tradução.

O que nos diz de Freud, um tradutor do inconsciente?

Arrisco dizer que toda a obra de Freud o mostra como um tradutor do inconsciente, o que cria um vínculo significativo entre Tradução e Psicanálise. Esses dois campos têm interesse pela linguagem como forma de

expressão dos sentidos de um sujeito; ambos lidam com a interpretação de um texto, escrito e oral, respectivamente.

A tradução do inconsciente pode ser vista já nos primeiros escritos de Freud e em sua correspondência com Fliess. Em uma carta a esse seu amigo, Freud utiliza a palavra “tradução”, como verbo, para descrever o aparelho psíquico e suas inscrições. Em *Estudos sobre histeria*, Freud apresenta o sintoma histérico como algo que precisava ser “traduzido”, veiculado pela via da linguagem, por meio da fala. A tradução está presente também no famoso caso Anna O., que não conseguia expressar seu sofrimento em sua língua materna, o alemão, e usava outra língua, o inglês, para fazer isso.

A *Interpretação dos sonhos* é um texto que, para mim, deixa muito claro que Freud foi um tradutor do inconsciente quando ele mostra a relação entre o trabalho do psicanalista e o do tradutor. Ou seja: pode-se dizer, com base em Freud, que o analista, quando interpreta, utiliza a tradução entre duas “línguas”, a do inconsciente e a do consciente. Destaco ainda outros dois textos de Freud que são muito relevantes para os argumentos a favor da afirmação de que ele foi um tradutor do inconsciente. Trata-se de *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Nele, Freud comete um “erro” de tradução ao traduzir milhafre por abutre. E também *Psicopatologia da vida cotidiana*, em que encontramos outros exemplos de “erros”, lapsos, que revelam muito sobre a interferência do inconsciente na leitura e na escrita, tarefas do tradutor.

Como a Psicanálise poderia se aproximar mais e melhor dos estudos e dos conhecimentos do campo da Tradução?

Eu diria que ela poderia buscar conhecer mais os trabalhos que foram e estão sendo realizados no campo dos Estudos da Tradução, na interface que se criou, nessa área, entre Tradução e Psicanálise. A Tradução coloca questões que interessam à Psicanálise, como: a subjetividade que se traduz no texto escrito por um autor ou um tradutor; a inconstância ou o deslizamento dos sentidos; as limitações do que pode ser dito, escrito ou traduzido, o que significa pensar sobre o intransponível porque essa “impossibilidade” resulta da falta de univocidade entre línguas – seja entre idiomas ou entre o inconsciente e a consciência –, o que exige de nós, tradutores e dos psicanalistas, a aceitação da perda, de um resto que sempre sobra. Mas, apesar de haver perdas, eu gosto de pensar que há muitos mais ganhos, porque tanto a Tradução quanto a Psicanálise nos possibilitam ter algum acesso – ainda que não ao todo – ao desconhecido, seja ele o inconsciente ou o texto estrangeiro.

O campo da Tradução também pode se beneficiar da Psicanálise?

Eu acredito que toda a relação é uma via de mão dupla! Portanto, a Tradução tem muito ainda que se beneficiar e, na verdade, tem se beneficiado muito do sa-

"A Tradução é uma forma de inclusão de indivíduos, culturas e campos de saber."

ber psicanalítico. Esse saber se estabeleceu como uma interface teórica com os Estudos da Tradução, no Brasil, em 1982, por meio do trabalho do psicanalista-tradutor Potiguara Mendes da Silveira Junior, em seu livro *A Tradução: dados para uma abordagem psicanalítica*. Após esse primeiro encontro entre a Psicanálise e a Tradução, surge, em 2003, agora já dentro da área de Estudos da Tradução, os trabalhos da professora Rosemary Arrojo, que busca desconstruir a ideia de fidelidade e traição para afirmar que o tradutor não é um mero transportador de significados de uma língua para outra. Depois desses estudos, surgiram diversos outros, tanto de psicanalistas quanto de tradutores e também de psicanalistas-tradutores. Entre eles, destaco o livro *A singularidade da escrita tradutora*, da professora Maria Paula Frota; a minha dissertação de mestrado, intitulada *A identidade (ainda) melancólica do tradutor*, em que investiguei a construção da identidade dos tradutores brasileiros na década de 1990; assim como outros trabalhos que escrevi: *O espelho quebrado ou a impossibilidade da interpretação neutra; Nem autor, nem coautor. Tradutor*, em que resumo a reflexão que fiz durante o mestrado sobre o discurso melancólico de alguns tradutores quando se referem ao seu ofício. Posso afirmar que, para a Tradução, o contato com a Psicanálise é extremamente enriquecedor, por esse saber trazer para os Estudos da Tradução, entre outras contribuições, a desconstrução da noção clássica de literalidade, ou seja, da possibilidade de

um significado depositado na letra, fora da interpretação de um sujeito; da dicotomia entre sujeito e objeto, tradutor e texto; e da autonomia do sujeito consciente, ao trazer a dimensão do inconsciente do tradutor como uma interferência em seu fazer, por ser impossível escapar dele. A contribuição mais relevante da Psicanálise para a Tradução, a meu ver, é que ela revela a opacidade da linguagem e a sobredeterminação dos sintomas e, portanto, suas múltiplas interpretações, o que pode ser estendido para a compreensão da leitura. E esse saber psicanalítico sobre a linguagem e o sujeito possibilita incluir o tradutor como produtor de significados, que são determinados por seu desejo inconsciente e pelas circunstâncias nas quais esse sujeito está inserido, seu quadro de referências. Ela nos dá subsídios também para entender o desejo de traduzir, de lidar com o outro, com a diferença, numa relação transferencial que também expõe uma teia de sentimentos contraditórios, de amor e ódio, sendo a interpretação/tradução o que resulta dessa relação intensa. Na prática, com esses conhecimentos, acredito ser possível para o tradutor buscar, por meio de técnicas e estratégias tradutórias, formas de se aproximar o máximo possível do texto original e estabilizar, ainda que momentaneamente, o deslizamento dos significados e de buscar "controlar", de alguma forma, a interferência de seu desejo inconsciente no texto alheio.

Na criação de um Setor de Traduções no

Instituto da Sociedade, pensou-se num amplo programa de inclusão. O que acha?

Acho que a criação desse setor reafirma, mais uma vez, que a SBPRJ se orienta, de fato, por tudo que Freud ensinou, sobretudo sobre inclusão. Desde o início, essa foi uma preocupação de Freud, que pode ser observada em seu estilo próprio de escrita; na escolha que fez de palavras do senso comum para registrar suas ideias, mas também, e sobretudo, quando acompanhou e aprovou a tradução de seus textos para a língua inglesa, considerada até hoje como "língua franca". Esse gesto criador contribuiu, definitivamente, para a inclusão de um público que desconhece ou não domina o idioma em que alguns textos psicanalíticos foram escritos e, assim, possibilita a divulgação mais ampla e o ensino da Psicanálise. A Tradução é uma forma de inclusão de indivíduos, culturas e campos de saber e, portanto, sempre muito necessária.

// Marina Tavares

marinatavares@terra.com.br



Pasolini 100 anos: “Édipo Rei”



Em 2022, comemora-se o centenário de nascimento de Pier Paolo Pasolini, um dos maiores e mais polêmicos nomes do cinema italiano no século XX, também poeta, romancista, jornalista, marxista, que dirigiu um filme sobre Cristo, admirado pelo Vaticano, leitor de Freud – e que dirigiu uma importante versão da lenda do Rei Édipo cristalizada na cultura ocidental pela peça de Sófocles (427 a.C), uma das obras de arte mais mencionadas em escritos psicanalíticos.

Neste filme de 1967, o quinto dos doze filmes de ficção que ele fez em 15 anos, há um trecho que é bastante próximo ao que existe na peça de Sófocles, precedido pelos eventos que antecedem o desfecho da tragédia que é o núcleo da ação da peça. Um prólogo e um epílogo passados no século XX também chamam a atenção: *é numa caserna que nasce o Édipo contemporâneo*, sendo Laio o tenente de infantaria Carlo Alberto Pasolini, pai do poeta e cineasta. Tal identificação mostra que Pier Paolo se via com traços do personagem trágico.

Em uma entrevista, ele disse: *“Eu conto minha vida. Mitificada, é claro, tornada épica pela lenda de Édipo. É o mais autobiográfico de meus filmes e aquele que eu considero com mais objetividade e distanciamento, porque, se é verdade que eu narro*

uma experiência pessoal, também é verdade que é uma experiência acabada”.

Segundo René de Ceccatty, autor de um livro sobre o cineasta, Pasolini utiliza sua experiência pessoal, histórica, datada durante o fascismo no prólogo e situada em Bologna – onde fez seus estudos – para superá-la, sublimá-la, distanciar-se e representar, por meio do destino de Édipo, o distanciamento de si-mesmo: *“Não se trata de disfarçar o passado de presente, mas sim de vestir o presente com máscaras do passado”*.

Já se disse que para compor uma tragédia na contemporaneidade é necessário que o assunto seja *“a um só tempo, estranho e análogo: o poeta deve estar próximo do tema onde está o elemento moderno da tragédia; compor uma tragédia implica numa relação com o tempo presente. O autor dramático deve tentar reconciliar as contradições de sua época, utilizando-se da mediação de uma fábula, de uma história que seja estranha ao tempo presente.”* Embora não chegue à qualidade de algo sobrenatural ou “sinistro”, a proposta de unir o “estranho” ao “análogo” aproxima-se do conceito de “estranho-familiar” (Unheimlich) que foi estudado por Freud em seu famoso trabalho homônimo.

Outra peculiaridade da versão de Pasolini foi a de omitir o famoso enigma da Esfinge que

Édipo consegue decifrar: o que vemos é Édipo recusando ouvir novos enigmas, adivinhas ou profecias depois de ter escutado do Oráculo que mataria seu pai e deitaria com sua mãe, apenas precipitando a Esfinge no abismo. É curioso que, embora tenha optado por relatar em ordem cronológica a trama que antecede o clímax da história, o cineasta tenha substituído o Édipo-decifrador por um Édipo que não queria decifrar nada. A atitude arrogante do Édipo pasoliniano é coerente com aquilo que musicólogos destacaram na ópera “Oedipus Rex”, sobre o mesmo tema, que Stravinsky estreou em 1927: *“o personagem de Édipo é construído de modo fascinante, passando do poder supremo e da autoconfiança à arrogância e à autocomiseração, até chegar à lucidez e ao horror sobre si mesmo”*. A **arrogância** de Édipo é um aspecto destacado por Wilfred Bion na sua leitura da tragédia.

Mas existe a explicação de que Pasolini não queria retratar um Édipo-intelectual decifrador de enigmas. Na visão do poeta, um Édipo-intelectual procuraria obter indulto para seus atos, enquanto ele via Édipo de modo oposto: um inocente, contrastando sua inocência total com a busca de conhecimento. Infelizmente, quando ele obtém o conhecimento sobre quem é de fato, já é tarde demais.

Refazendo o mais célebre mito da Antiguidade, Pasolini recorreu àquele que repousa basicamente sobre sexo, desejo e interdição; infanticídio, parricídio, incesto; sobre o conhecimento de si próprio por meio da transgressão inconsciente de tabus – e sobre a obsessão com a identidade nas questões “Quem é Édipo?”, “Quem é seu pai?”, “Qual é o seu reino?”, “O que é um homem?”.

PS.: Em outra obra-prima de Pasolini, “Teorema”, impasses em processos de identificação, introjeção e internalização poderão ser discutidos em outra oportunidade.

¹Françoise Dastur, sobre Hölderlin.

// Luiz Fernando Gallego
luizgallego@gmail.com



Cenas do filme *Édipo-Rei* (1967).



Aos que me trouxeram até aqui

Nesta coluna, demandamos a uma personalidade um momento transformador em sua vida. No vigoroso testemunho abaixo, o escritor, fundador do Observatório de Favelas e diretor-geral do Instituto Maria e João Aleixo (IMJA), Jailson de Souza e Silva, nos conta como ressignificou sua ira por meio da palavra escrita e falada, transformando-a em amorosidade. (Tiago Mussi, coeditor).

Nasci numa favela na periferia do Rio de Janeiro. Como é sabido, a socialização masculina é complexa e marcada por vários signos de violência. Na favela não é diferente. Caçula de cinco irmãos, todos homens, aprendi, desde cedo, a reagir com agressividade a qualquer situação de intimidação ou tentativa de agressão do outro. Não era agressivo, mas muito reativo. Sentia-me dominado intimamente por uma ira profunda, visceral, que gerava a transformação de situações de conflito em atos de violência.

Aos cinco anos, descobri a palavra escrita. Alfabetizado desde então, passei a ler tudo que me estava disponível. A leitura tornou-se meu espaço de evasão, de escape de um mundo exterior que me parecia hostil, no qual sabia viver – a partir do signo da violência, mas que me incomodava. Naquele período da infância e pré-adolescência, a leitura me apartava do mundo cotidiano, não me ajudava a nele viver. Tanto que, no início da adolescência, meu pai – que sabia ser minha ira visceral uma herança dele, e temia por mim – vaticinou meus destinos prováveis: a cadeia e/ou o hospício.

Aos 14 anos, todavia, por minha conta, entrei no Grupo Jovem da Igreja Católica do bairro onde fora morar, também na periferia da cidade. Não tinha interesse

em religião nenhuma – meu pai espírita, minha mãe católica, minha tia mais próxima “mãe de santo” de um terreno do Candomblé onde cresci, mas com um vínculo apenas social e familiar, nenhuma ligação espiritual. Entrei na Igreja apenas porque, vivendo em plena ditadura militar, não havia nenhuma opção que me atraísse em termos de lazer e/ou cultura em meu território. A religião seguiu sem me encantar, mas impactou-me a experiência de encontros coletivos onde o uso da palavra falada, principalmente, era valorizado. Ali, a base das relações de sociabilidade, de resolução de conflitos, de expressão de desejos e subjetividades se dava por meio da fala, da capacidade de seu uso de forma persuasiva. Era necessário convencer o outro para que a opinião prevalecesse; era importante aprender a usar argumentos convincentes. Se fazia necessário aprender conceitos, usar a emoção na fala, ter domínio das palavras e repertório cognitivo para compreender os que os outros diziam e onde queriam chegar.

Dali em diante, a palavra falada se tornou o campo de mediação possível com o mundo, em particular nas situações de conflitos. A violência física, a agressão ao corpo do outro, não precisava ser mais minha linguagem, minha forma de comunicação em momentos de enfrentamento, de autodefesa. Minha fala, meus argumentos, minha racionalidade organizada e dirigida poderia me permitir sair de mim e ir para o mundo, dar outro tipo de resposta a ele que não o meu isolamento na “caverna” da leitura e da escrita solitária.

Na convivência com aquele e novos grupos, plurais, fui afirmando mais e mais minha crença na potência e prioridade da palavra, tanto na fala como na escrita. No início, ela era dura, muito crítica e representava uma “voz de oposição” aos encaminhamentos da

direção dos coletivos. Aos poucos, conforme me tornava liderança, e também central, conhecia mais a Teologia da Libertação; minha ira visceral foi se conformando em um sentimento de indignação contra o “sistema”, que oprimia os empobrecidos e estimulava uma vida reduzida ao consumo.

No processo, fui me tornando mais contestador da realidade social, capaz de operar com conceitos mais sofisticados, que me permitiam entender como funcionava a estrutura e o imaginário capitalista e, acima de tudo, um mediador de conflitos. Minha ira deixou de ser dirigida, eventualmente, aos indivíduos que me cercavam e a amorosidade se tornou um importante meio de lidar com as situações de dor, conflitos e tensões.

Por coerência com o significado da palavra em minha vida – escrita e falada, particularmente – tornei-me educador e escritor, buscando ampliar os repertórios, as possibilidades subjetivas e objetivas dos sujeitos dos territórios periféricos e a importância da palavra para isso. Dominado pelo desejo de uma humanidade plena, fundei e liderei organizações e iniciativas que permitissem às pessoas se tornarem emancipadas e autônomas a partir do princípio da convivência, da solidariedade e da amorosidade: “bruxas e bruxos da cidade”.

Hoje, vivo a minha condição de “mais velho”, imerso na energia e sabedoria dos ancestrais e dos Orixás na busca de tornar minha palavra mais sábia e poderosa, pois sou dela filho e fruto, sem qualquer ruptura entre ela e um ente denominado “eu”. Pois ali, na potência de meus 14 anos, descobri que, acima de tudo, eu sou palavra, a palavra sou eu.

// Jailson de Souza e Silva
jailson@imja.org.br